

UNIVERSIDADE DE COIMBRA  
FACULDADE DE LETRAS

# FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

124

INSCRIÇÕES 527-530



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES  
SECÇÃO DE ARQUEOLOGIA  
2014

ISSN 0870-2004

*FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.*

*Dos fascículos 1 a 66, inclusive, fez-se um CD-ROM, no âmbito do Projecto de Culture 2000 intitulado VBI ERAT LVPA, com a colaboração da Universidade de Alcalá de Henares. A partir do fascículo 65, os volumes estão disponíveis no endereço [http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos\\_index/ficheiro](http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro).*

*Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.*

*Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.*

*Toda a colaboração deve ser dirigida a:*

Instituto de Arqueologia  
Secção de Arqueologia | Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes  
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Palácio de Sub-Ripas  
P-3000-395 COIMBRA

*A publicação deste fascículo só foi possível graças ao patrocínio de:*



PLACA FUNERÁRIA ROMANA  
DA HERDADE DA COMENDA GRANDE  
(*Conventus Pacensis*)

Identificámos, no mês de Janeiro do ano de 2013, durante uma visita de carácter amigável, na Herdade da Comenda Grande, situada na União de Freguesias de S. Gregório e Santa Justa, concelho de Arraiolos, uma lápide funerária romana rectangular, de mármore branco do tipo Estremoz/Vila Viçosa<sup>1</sup>. Não se sabe, no entanto, o local da sua proveniência, apesar de existirem relatos da sua transferência desde o Monte das Flores, no concelho de Évora, perto da antiga via de ligação entre *Ebora* (Évora) e *Salacia* (Alcácer do Sal), onde foi identificado um importante miliário fragmentado em dois<sup>2</sup>.

O seu estado actual resulta do desgaste devido aos factores climatéricos, e até antrópicos, a que tem sido exposta ao longo do tempo; no entanto, apesar de alguns menos nítidos (caso do A no final da l. 1 e do L da l. 2), todos os caracteres se reconstituem sem dificuldade, apenas podendo

---

<sup>1</sup> Agradecemos ao proprietário da Herdade, Eng.º António Joaquim Lopes, a gentileza de nos haver proporcionado a possibilidade de estudarmos o monumento. É sua intenção mantê-lo na sua posse.

<sup>2</sup> BILOU (Francisco), *Sistema Viário Antigo na Região de Évora*, Lisboa, 2005, p. 48.

subsistir alguma dúvida acerca da existência, ou não, de pontuação. Falta boa porção do ângulo inferior direito, mas tal não afectou a inscrição, pois a última linha terminava ali e a palavra AVNIA da l. 3 só foi afectada na metade inferior das duas últimas letras. Campo epigráfico rebaixado, delimitado por moldura de gola directa, com cerca de 10 cm de largura.

Dimensões: 57 x 91 x 9.

Campo epigráfico: 37 x 71.

IVLIA Q(uinti) F(ilia) AMOENA / ANN(orum) XX  
(viginti) H(ic) S(ita) E(st) S(it) T(ibi) T(erra) [L(evis)] /  
TERENTIA P(ublii) F(ilia) AVNIA / MATER F(aciendum)  
C(uravit)

*Aqui jaz Júlia Amena, filha de Quinto, de 20 anos. Que a terra te seja leve. A mãe, Terência Áunia, filha de Públio, mandou fazer.*

Altura das letras: 7 cm. Espaços: 1 a 4: 2; 5: 6.

Paginação cuidada, com alinhamento à esquerda. Sente-se, pela regularidade das linhas, que houve linhas de pauta, ora imperceptíveis. Os caracteres são actuários, de travessões breves e *ductus* um tudo-nada inclinado para trás: O levemente ovalado; Q de haste horizontal e breve; X simétrico; R feito a partir do P, com perna ligeiramente lançada para diante, elegantemente curvada no final; P aberto.

Os *nomina Iulia* e *Terentia* são tipicamente latinos. Se de *Iulia* temos, na Lusitânia e no *conventus Pacensis*, muitos testemunhos, *Terentia* não será assim tão frequente<sup>3</sup>. No *conventus Pacensis*, o facto de termos uma devota de

---

<sup>3</sup> Registaram-se, até ao momento, na Lusitânia, mais de 30 testemunhos, nomeadamente em zonas bastante romanizadas, como é o caso de Mérida, a capital, ou o território olisiponense: cf. NAVARRO CABALLERO (Milagros) e RAMÍREZ SÁDABA (José Luís) [coord.], *Atlas Antroponímico de la Lusitania Romana*, Mérida – Bordéus, 2003, p. 317-318 (mapa 292).

Endovélico que se identifica com esse *nomen* levou-nos a pensar que a sigla T. patente em IRCP 528<sup>4</sup> se poderia desdobrar em *Terentius*, a atestar a popularidade do *nomen*; o mesmo se pensou em relação a *L. T. Rufinus* de IRCP 585; contudo, são hipóteses não demonstráveis. Mas há uma *Terentia Tertulla* na região de Évora (IRCP 405) e um *Terentius Crysogonus* em Cuba (IRCP 334).

*Amoena* é *cognomen* que amiúde se une ao gentílico *Iulia*. Embora latino, tem um significado concreto – «a bonita», «a afável»... – pelo que rapidamente foi adoptado pela população indígena<sup>5</sup>. *Aunia*, ao invés, apresenta-se como de raiz indígena, muito presente em ambientes de forte carácter local<sup>6</sup> e Vallejo Ruiz dedica-lhe bastante atenção, na sua análise sobre a antroponímia indígena da Lusitânia romana<sup>7</sup>. Esta amálgama de nomes demonstra uma verdadeira ligação ao processo de aculturação, que terá sido levada a cabo durante a primeira metade do século I d. C., data na qual se enquadra esta epígrafe, atendendo à paleografia e à simplicidade do texto, sem invocação aos deuses Manes.

Um aspecto há a salientar: o epitáfio é mandado lavrar pela mãe em memória da filha de 20 anos. O normal, numa circunstância destas, seria que fosse dedicatória da responsabilidade dos pais; ora, aqui o pai está ausente! Poder-se-ia pensar que já tivesse falecido; no entanto, a hipótese de documentarmos aqui mais uma evidência do papel dominante que a mulher então detinha na sociedade<sup>8</sup>, eco

---

<sup>4</sup> IRCP = ENCARNÇÃO (José d'), *Inscrições Romanas do Conventus Pacensis* — *Subsídios para o Estudo da Romanização*, Coimbra, 1984.

<sup>5</sup> Só no *conventus Pacensis*, quatro testemunhos: IRCP 66, 126, 355 (?) e 588.

<sup>6</sup> O *Atlas* (p. 111, mapa 52) regista 10 testemunhos (sempre no feminino). No *conventus Pacensis*, em Vila Viçosa (IRCP 444). Anote-se que a leitura *Aunia Brocina* (IRCP 153) foi, mediante novo exame da epígrafe, corrigida para *Munia Brocina*: cf. ENCARNÇÃO (José d'), «Problemas em aberto na epigrafia miobrigense», *Conimbriga* 35 1996 142-144 [= HEP 7 1997 n° 1203].

<sup>7</sup> VALLEJO RUIZ (José María), *Antroponímia Indígena de la Lusitania Romana*, Vitoria-Gasteiz, 2005, p. 758.

<sup>8</sup> Cf. ENCARNÇÃO (José d'), «Mães e filhos passeando por entre epígrafes», in M<sup>a</sup> Carmen SEVILLANO SAN JOSÉ *et alii* (edits.), *El Conocimiento del Pasado*.

de um matriarcado não muito distante<sup>9</sup>, não será, de forma nenhuma, despropositado; é também à mãe – e apenas à mãe – que cumpre fazer o luto pela extremosa filha, fenecida na flor da juventude.

RUBEN BARBOSA  
JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

---

*Una Herramienta para la Igualdad*, Salamanca, 2005, 101-113. Acessível em <http://hdl.handle.net/10316/11518>, com mais bibliografia sobre o tema, designadamente: FERNANDES (Luís), «A presença da mulher na epigrafia do *conventus Scallabitanus*», *Portugalia* 19-20 1998-1999 129-228.

<sup>9</sup> Vide o livro, já clássico, de J. J. BACHOFEN, *El Matriarcado (Una investigación sobre la ginecocracia en el mundo antiguo según su naturaleza religiosa y jurídica)*, uma edição de María del Mar Llinares García, Akal Universitaria, Madrid, 1987.



1



2

527